

Sumário

Prefácio, 7

Introdução, 11

Nossa jornada, 15

O caminho mitológico, 21

Quinze mulheres e um livro, 81

Ana Figueiredo, 82

Andrée Samuel, 96

Bettina Jespersen, 108

Cida (Maria Aparecida Martins), 120

Helô (Heloísa Paternostro), 132

Jerusha Chang, 138

Mônica Jurado, 151

Monika Von Koss, 162

Neiva Bohnenberger, 175

Regina Figueiredo, 186

Renata C. Lima Ramos, 195

Rosane Almeida, 206

Sandra Sofiati, 220

Solange Buonocore, 233

Soninha Francine, 245

O livro, 255

O Jardim de Hera, 265

Glossário, 269

Bibliografia, 275

Contatos das entrevistadas, 277

Prefácio

Certa vez perguntaram ao mitólogo Joseph Campbell, em uma de suas palestras públicas, o que ele tinha a dizer sobre a jornada da heroína. Lembro-me de que ao ler o diálogo que se seguiu me surpreendi duplamente. Primeiro com a pergunta, porque eu jamais havia deixado de me sentir incluída na descrição da jornada do herói. Para mim, ela diz respeito a qualquer ser humano, seja lá de que sexo. Segundo com a resposta de Campbell: “Todas as grandes mitologias e boa parte das narrativas míticas do mundo têm um ponto de vista masculino. Quando eu estava escrevendo *O herói de mil faces* e queria incluir heroínas, tive que recorrer aos contos de fadas” (Campbell, 2008, p. 167).

A história da humanidade e os mitos que a representam se referem a uma ordem em que prevalecem valores e formas de pensamento nos quais homens e mulheres têm papéis distintos. Nesse universo, quem parte em jornada é o homem, a ele cabe o papel de herói. Segundo o próprio Campbell, a mulher pode seguir a jornada heroica, mas ela tem um fardo natural a mais, ela tem o chamado para a maternidade.

Faço essa observação de saída para registrar uma certeza pessoal: penso que Joseph Campbell se sentiria profundamente emocionando – posso vê-lo sorrindo, com olhos brilhantes – se pudesse deparar com este livro, que é um desdobramento de seu trabalho, em campos nos quais ele jamais se aventurara.

Antes que acusem Campbell de misógino ou machista diante desta breve introdução, recomendo a leitura de seus livros para que descubram a importância que ele sempre atribuiu não apenas às mulheres como categoria, mas especialmente às mulheres de sua vida.

Ele lecionou durante 38 anos em uma escola feminina e não cansou de afirmar: “Foram minhas alunas que me ensinaram qual o valor de todas essas matérias para a

vida. Atribuo a popularidade de meus escritos a esse treino com elas”. Ele dizia que homens são apegados a estudos e notas de rodapé. Mas que são as mulheres que agregam os conhecimentos da mitologia à existência comum, pois sempre se perguntam: “De que modo isso pode influenciar a mim e aos meus entes queridos?”

Beatriz Del Picchia e Cristina Balieiro seguiram os passos do mestre, sabidamente um autodidata. Leram muito, refletiram, conversaram, pesquisaram, experimentaram, e o resultado de suas coletas foi para um caldeirão amplo, em fogo lento, no ritmo da vida. A exemplo de Campbell, não se prenderam a questões acadêmicas. Não recorreram ao saber oficial. Mesmo porque, no território dos temas abordados, valem mais as intuições, as deduções e os sonhos.

O objeto de estudo das autoras era o percurso, a jornada das mulheres em busca de caminhos de preenchimento e realização, espelhado no modelo da jornada do herói, conforme descrição de Joseph Campbell. Elas arregaçaram as mangas e foram conversar com mulheres que escolheram como sendo emblemáticas. Num primeiro momento, algumas leitoras podem argumentar, como eu mesma fiz, que as entrevistadas são muito atípicas, várias delas com dons especiais e, portanto, bastante diferenciadas.

Refletindo melhor, eu lhes pediria que olhassem ao redor com atenção. Porque nossa vida, quando bem observada, também é repleta de pequenas magias pelas quais passamos batido. Somos todas especiais.

Quanto ao termo “sagrado”, que faz parte do título, embora o caminho de muitas das entrevistadas passe por práticas religiosas, ele não se refere especificamente ao sentido religioso. As autoras tomam a definição do escritor Phil Cousineau, que diz que “é sagrado o que é digno de nossa reverência, que evoca respeito e maravilha no coração humano e que nos transforma completamente”. O sagrado na mira de Beatriz e Cristina é aquilo que dá um significado especial à existência.

Campbell chamava isso de “seguir a sua *bliss*”. Se você é novata em Campbell, compreenderá melhor o significado dessa frase ao final deste livro.

Toda mulher que já se sentiu profundamente só, deprimida ou vivendo uma vida sem nenhum sentido, toda mulher que vem buscando alguma coisa difícil de nomear, que preencha seu vazio existencial, vai entender do que trata este livro. As entrevistadas são mulheres que ousaram sair daquele trilho em que foram colocadas pelas circunstâncias do entorno quando meninas; tiveram coragem de enfrentar os esquemas convencionais e saíram em busca, cada uma a seu modo, de novos caminhos que as tornassem mais inteiras, mais plenas, mais úteis, mais vivas.

Algumas foram empurradas pelos fatos ao se defrontar com dificuldades pessoais fora do *script* original e souberam transformar amargas experiências em alavancas para o crescimento. Outras partiram movidas pela insatisfação ou simplesmente por não enxergar alternativa. “Ou eu partia ou eu morria”, me disse uma amiga. E nove das entrevistadas são mães que enfrentaram sua jornada apesar dos filhos ou justamente por causa deles.

Foi também o meu caso. Com vários dramas pessoais e familiares no currículo, uma enorme insatisfação profissional e buscando sempre preencher o vazio interior com diferentes práticas religiosas e filosofias, sem resultados, fui “convidada” a buscar um sentido mais profundo para a existência. Fiz minha jornada de vida ou morte, saí do outro lado trazendo minha dádiva ao mundo, um trabalho com pessoas com câncer. Um de meus principais mestres foi Joseph Campbell. É esse o profundo elo que me une às autoras.

Não são travessias fáceis, jamais, como a leitora terá oportunidade de conferir nos depoimentos. Uma jornada implica transformações profundas, com riscos e danos. Mas, quando deparamos com a nossa *bliss*, tudo vale a pena. Também é bom que se esclareça: uma existência é composta de várias jornadas, e só a morte põe um fim à nossa aventura.

Um buscador sabe quando encontra um mestre, às vezes mais de um, durante a jornada. É quando ele ouve palavras que dão forma a antigas sensações difusas. Aquela nova fala ecoa em sua alma, e ele se sente acolhido e entendido. Penso que este livro terá esse dom, que ele será um convite à reflexão – e, quem sabe, à aventura – para inúmeras mulheres. (E para homens também, por que não?) Sua matéria-prima são histórias verdadeiras, narradas com generosidade. Ficamos um pouco mais sábias com sua leitura ou, no mínimo, mais curiosas quanto a alternativas de vida que nos proporcionem alegrias e a sensação de missão cumprida.

Edith M. Elek
jornalista, terapeuta e editora

Introdução

Há alguns anos, sonhei que entrava num amplo jardim circular, rodeado por um alto muro coberto de hera. No centro do jardim, havia uma grande pedra, parecida com um minarete.

Ao longo do muro, em volta do centro, existiam pequenas grutas, também cobertas de hera. Em cada uma dessas grutas, ficava uma mulher, cercada por símbolos sagrados, diferentes de uma gruta para outra.

Então, fui me aproximando de cada uma delas e perguntando: “Quem é você? Como você chegou aqui? Me conta sua história?”

O projeto de escrever este livro baseou-se inicialmente em outro livro: *O jardim sagrado – A dimensão espiritual da vivência feminina*, de Sherry Ruth Anderson e Patricia Hopkins, publicado no Brasil em 1993 e nos Estados Unidos em 1991, com o título *The feminine face of God – The unfolding of the sacred in women*.

Foram entrevistadas mais de cem mulheres – de diferentes crenças, mas todas de alguma forma ligadas ao sagrado –, com o intuito de averiguar a existência de uma manifestação espiritual tipicamente feminina e buscar possíveis aspectos em comum.

O livro foi escrito com base nessa pesquisa. Usando metáforas ligadas ao jardim (“sementeiras do sagrado”, “ferramentas do jardim” etc.), as autoras deram a esse *sagrado* um sentido amplo e vivencial. E relataram o processo de elaboração do próprio livro, colocando-se de forma bastante pessoal.

A leitura desse livro teve forte impacto sobre nós, porque veio ao encontro de buscas e estudos pessoais. Ambas vínhamos nos interessando há tempos pelas questões do feminino, da mitologia e das manifestações do sagrado na vida cotidiana.

Assim, resolvemos tentar fazer uma pesquisa semelhante. Nossa intenção era descobrir como essas questões estavam sendo vividas por mulheres brasileiras no início do século XXI. Diferentemente das autoras americanas, não dispúnhamos de patrocínio. Por isso, nosso universo de pesquisa teria de ser consideravelmente menor.

No correr de 2006, ao mesmo tempo que aprofundávamos nossos estudos, entrevistamos a maior parte das mulheres cujas histórias compõem este livro: uma budista, uma xamã, uma atriz, uma médium, uma instrutora de dança circular, quatro psicoterapeutas, uma dançarina, uma facilitadora de comunidade alternativa, uma taoísta e mestra de tai chi chuan, uma vereadora budista, uma estudiosa de mediunidade, uma zeladora de candomblé...

As quinze mulheres entrevistadas nos receberam com grande abertura e, generosa e francamente, nos contaram sua história. Foram mais de cinquenta horas de gravação e cerca de quinhentas páginas transcritas.

Passamos os três anos seguintes trabalhando nesse material. No decorrer da pesquisa – e de certa forma por causa dela –, nós mesmas passamos por experiências pessoais importantes. Procuramos estar abertas para diversas fontes de inspiração, internas e externas, também estimuladas pela vivência de nossas entrevistadas nesse sentido. Nós nos envolvemos pessoal e afetivamente com elas e com a elaboração deste livro.

A principal voz deste trabalho é a das entrevistadas. Nós não partimos de hipóteses nem queremos defender nenhuma tese ou conclusão como verdadeira. O que nos moveu, e move, sempre foi a curiosidade – e nossas perguntas continuam abertas.

O livro é composto de quatro partes:

- Na primeira, “Nossa jornada”, são descritos os conceitos e formas com que tratamos o material das entrevistas.
- Na segunda, “O caminho mitológico”, explicamos e ilustramos as fases e etapas da *jornada do herói*, modelo mitológico descrito por Joseph Campbell, com trechos dos depoimentos de nossas entrevistadas.
- Na terceira, “Quinze mulheres e um livro”, está a história de vida completa das entrevistadas, bem como a da criação desta obra. Com a finalidade de reforçar e sintetizar o diálogo mito-vida real de que tratamos no trabalho, um pequeno conto de fadas procura traduzir essa jornada para uma linguagem mitológica.
- A última parte contém a bibliografia, os contatos das entrevistadas e um pequeno glossário com definições sucintas de conceitos, pessoas e lugares citados, apenas para clarificar e melhor situar suas experiências (na primeira vez que aparecerem no texto, essas palavras serão destacadas em negrito).

A Cristina teve o sonho, descrito no início desta introdução, antes de as duas se conhecerem. Mas foi a Beatriz quem a convidou para fazer este trabalho – de alguma forma, ou ela adivinhou esse sonho ou ele era um pouco dela também.

E a Neiva, uma das entrevistadas, espantada ao ouvir a descrição, mostrou um desenho que fizera, anos atrás, com base nesse mesmo sonho. Havia só uma diferença: no centro do jardim, o sonho da Neiva tinha uma fonte; o da Cristina, um minarete.

Talvez esse sonho esteja rondando o universo feminino – o que sabemos nós do que nos ronda? Nele é pedido que cada habitante da gruta conte sua história. Bem, essas mulheres nos contaram – pelo que somos muito gratas –, e procuramos fazer o que o trabalho, a nossa jornada, nos pediu.

Nossas entrevistadas habitam grutas sagradas, pois tiveram a coragem de buscar o que realmente pulsava dentro delas, pagando às vezes alto preço por isso. Não são deusas, e sim mulheres que estão, de fato, *vivas*.

Que suas histórias possam ser lidas com prazer, em silêncio, na meia-luz de um abajur noturno; em sussurros, nas confidências de comadres; em voz bem alta, em círculos de mulheres; que alcancem a rua e nossos parceiros e que sua vitalidade possa servir de contraponto a estes tempos de ênfase no que é pequeno e mesquinho.

Beatriz Del Picchia

Cristina Balieiro



Nossa jornada

capítulo um

A busca

Desde o início, nosso foco foi o universo feminino e, mais especificamente, a trajetória de mulheres. Suspeitávamos existir uma gama de mulheres, não muito conhecidas publicamente, que tivessem empreendido jornadas únicas e que, no seu caminhar, houvessem defrontado a dimensão sagrada da vida. Sabíamos que o relato de suas “viagens” poderia servir de estímulo para que outras buscassem seu caminho.

Nosso trabalho começou, então, por buscar mulheres que reunissem dois requisitos básicos: ser uma pessoa original, com uma individualidade fortemente estabelecida, e ter uma trajetória na qual a busca do que transcende os limites do mundo cotidiano fizesse parte do caminho.

O que queríamos ao encontrá-las era conhecer sua história de vida. Acreditávamos que essa história ampliaria a compreensão de como elas chegaram a se tornar, de fato, únicas e a viver, ao mesmo tempo, uma experiência espiritual.

Mas por que esses interesses, o que buscávamos? Em primeiro lugar, por que escolher mulheres singulares, únicas em sua expressão?

Nós acreditamos que todos nascem únicos, singulares.

Creemos que cada pessoa nasce para se tornar quem ela mais autenticamente é. Essa é a principal “tarefa” de cada um, especialmente nos anos de maturidade.

É na especificidade de cada homem ou mulher que está contida a riqueza humana.

Segundo a visão do grande psicólogo junguiano James Hillman, o carvalho está contido em sua semente e não poderá se tornar outra árvore. Pode atrofiar-se e não virar um carvalho em todo seu esplendor, mas nunca será uma mangueira ou um jatobá.

Hillman diz que todos trazemos uma imagem primordial, que corresponde à escolha de nossa alma e deve guiar o indivíduo que cada um vai se tornando no correr da vida. Essa imagem é “portadora do fado e da fortuna da pessoa” (1996, p. 19).

Ou, como diz Caetano Veloso, na música “Dom de iludir”: “Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é”.

Mas a teoria do fruto do carvalho não é uma visão fatalista do destino imutável e previamente traçado. O fruto do carvalho é um chamado que exige uma escolha: a de dizer “sim” a ele. A pessoa tem de escolher e aceitar tornar-se cada vez mais ela mesma.

Ser fiel a si mesmo e aos seus anseios mais profundos não é uma tarefa fácil. A cultura de massa, de busca de modelos externos de perfeição, as fórmulas padronizadas e idealizadas de sucesso, a pressão para conformar-se conspiram, impiedosamente, contra isso.

Sair dessa pressão e responder ao chamado da própria alma torna-se um ato de ousadia (aliás, falar em busca da alma, hoje, já é um ato de ousadia).

E por que existem pessoas que respondem a esse chamado interno e se tornam singulares, mesmo pagando um alto preço por suas escolhas, enquanto outras sucumbem à pressão da cultura e vivem em clichês?

O que faz que alguém decida não seguir os modelos dominantes, e sim um caminho só seu?

As mulheres que entrevistamos disseram “sim” ao chamado e escolheram, mesmo com muitos percalços, seguir o próprio caminho. Como conseguiram isso?

Queríamos conhecer suas histórias, suas escolhas, hesitações, medos e conquistas. Talvez elas nos fornecessem um mapa...

Buscávamos mulheres que tivessem uma relação com a dimensão sagrada da vida, mas que também tivessem a marca da singularidade

Descobrimos que a busca da autenticidade traz, em seu bojo, um mistério. A lealdade ao mais profundo de si e a experiência pessoal da dimensão espiritual da vida se mesclam.

Quase como um paradoxo, no processo de tornar-se única, a pessoa encontra o todo, conecta-se à grande rede da vida e defronta o sagrado.

Sagrado como significado: aquilo que dá à vida intenção ou propósito. Sagrado como êxtase: a expansão das fronteiras do próprio ego, ou dissolução de limites. A intuição de que, em nós, algo muito grande pulsa sem que possa ser colocado numa linguagem conhecida. Sagrado como experiência pessoal, sem ter relação necessária com nenhuma religião ou manifestação socialmente reconhecida de espiritualidade.

Era essa experiência que buscávamos.

Mulheres que, ao se tornar quem são, trouxeram sua contribuição única ao mundo

A vida de quem vai ao encontro do que lhe é mais autêntico é uma jornada de sair do todo, do coletivo, individualizar-se e trazer de volta, como dádiva para o humano, a plenitude de si mesmo.

É na própria singularidade que está a grandeza de cada um e a possibilidade de contribuir com o mundo. É o encontro de um sentido de vocação pessoal, uma razão de estar vivo.

Conhecemos, em nossa busca, mulheres que foram fiéis às suas sementes de carvalho e, com isso, defrontaram o sagrado e/ou, ao buscar o sagrado, encontraram a si mesmas. E que também trazem ao mundo uma contribuição singular! Contribuição que só aquela mulher específica pode dar, porque o que ela é e o que oferece se mesclam totalmente.

As histórias de vida

Fomos escutar as histórias de vida contadas por elas mesmas. Fizemos longas entrevistas – de fato, mais conversas do que entrevistas –, em que pedíamos que nos contassem como haviam chegado onde estavam, que caminho percorreram, que circunstâncias as tinham levado até ali, como fora a jornada que as tornara o que eram.

E por que buscar histórias de vida?

Em primeiro lugar, a identidade de uma pessoa está totalmente amalgamada à sua história de vida. Conhecê-la – com suas escolhas, dificuldades e dúvidas – amplia, enriquece e matiza a visão que temos dela. Facetas são reveladas.

Por meio dos relatos, conhecemos o percurso de construção da identidade. A jornada para o mais profundo e autêntico de si mesmo é expressa na narrativa de uma vida. De acordo com a metáfora de Hillman, vemos como a semente de carvalho transformou-se em carvalho.

Assim como cada pessoa é única, cada história é única e, de certa forma, mostra como a vida *moldou* aquela identidade e ao mesmo tempo foi *moldada* por ela.

Em segundo lugar, a história de vida contada pela própria pessoa que a viveu, para alguém que realmente a escute, pode trazer uma alma à tona – e essa era a nossa busca.

Escutamos tanto os fatos objetivos que elas escolheram contar como sua maneira de vivê-los subjetivamente. É a versão delas, a reconstrução de sua memória para essa vida específica.

A escolha dos fatos a serem contados, das dificuldades vividas e dos sentimentos e emoções experimentados de certa forma reconstrói o significado da vida que foi vivida.

Como diz Rachel Naomi Remen (1998): “As histórias são a experiência de alguém sobre os acontecimentos de sua vida, e não os acontecimentos em si... nós os vemos [os acontecimentos] de nossa maneira única, e a história que contamos tem muito de nós. A verdade é altamente subjetiva”.

Indo além, o relato de uma pessoa sobre a própria vida a expressa de alguma forma. Em cada fala (na escolha das palavras, na construção das frases, no uso de figuras de linguagem, de metáforas e expressões) está presente quem a conta.

As histórias nos trazem um pouco do sabor, da voz, do ritmo e da energia das pessoas que as viveram. E elas nos tocam, ressoam, permitem o verdadeiro encontro humano que nos aquece o coração.

Em terceiro lugar, histórias de vida nos inspiram a fazer nosso próprio caminho. Assombrosas, assustadoras e maravilhosas como podem ser (e as de nossas entrevistadas o são), elas têm o poder de provocar mudanças em quem as prova de verdade.

Elas nos confortam quando vemos que pedras, obstáculos, dúvidas, medos, recuos e a sensação de estar perdido fazem parte do caminhar. Mitigam a solidão do processo, pois sentimos que temos companhia, temos companheiros. Elas nos fazem rir, chorar, pensar, refletir.

Voltando a Naomi Remen (1998): “Paramos de contar histórias quando começamos a não mais dispor de tempo, do tempo para parar, refletir, maravilhar-nos... E quando não temos tempo para ouvir as histórias uns dos outros, procuramos especialistas para nos ensinar a viver”.

Uma história de vida é uma entidade viva que pode nos ajudar a viver. É um compartilhar que nos fortalece e humaniza.